



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maclei Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 505 (50 reis); Semestre 330 (300 reis); Um ano 860 (600 reis)
Para fora do paiz acresc. o impôrto do selo.
Número avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Renascença
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Teléfono, 737

A civilização em marcha

A iminência constante duma morte súbita, a aflicção dum luto cruel ou mesmo a simples apreensão desse luto predispõem numerosos espíritos débeis para a busca dos reconfortantes supra-humanos, prometedores de consolações e indemnizações celestes.

A situação presente, cheia de angústias e terrores, oferecia aos especuladores em aflições morais um mercado dos mais abundantes. Não podiam deixar de acudir a elle.

Cheios de infatigável zêlo, de um zêlo que nenhuma recusa desanima, vieram em multidão oferecer a tarefa consoladora e reparadora a contribuição do seu desvelo. Bem recebida, a sua dedicação ultrapassou em breve todas as esperanças.

Salvadores de almas e de corpos ao mesmo tempo, a sua solicitude transbordante encarniçou-se, com indefectível persistência, na salvação forçada de consciências, satisfetíssimas, no entanto, com a sua indignidade. Com a voz cheia de mel e um porte edificante de união, esforçam-se por insinuar á força, nessas almas refractárias, uma fé considerada supérflua até hoje,—inexauríveis recitadores de preces e missas, impostas a todos, fiéis e incrédulos, para seu bem comum; generosos distribuidores de amuletos e feitiços, piedosamente introduzidos nos forros e até nas braguihas—como garantia, minha irmã, contra os pensamentos culpados e os desejos impuros.

Almas magoadas ou titubeantes, consciências indecisas deixam-se não talvez conquistar, e depois de apaziguada a tormenta subsistirão a influência e o império adquiridos.

Outras actividades paralelas é com mira na regeneração nacional que se consomem.

A imprensa, essa conscienciosa educadora da opinião, mais preocupada do que nunca com o seu sacerdotio, afastando as ideias gerais, germe de discórdias, nutre o espírito público, ora com o alimento, cuidadosamente peneirando, de anedotas e narrações ingénuas que um dia deverão ser compiladas em volume para completar a educação dos alunos da escola primária, ora com a revelação de antigas profecias ou das predições contemporâneas duma pitonisa de renome, relativas á guerra actual.

E tendes notado como todas essas profecias, concordando bastante bem com os sucessos anteriores ao dia em que delas toma conhecimento o público, deixam de quadrar aos factos que lhes são posteriores? São infalíveis sómente quando predizem o presente ou o passado.

Em sciência, em arte, o mesmo esforço de educação civilizadora. Pintores, literatos, sábios, músicos alemães serão d'ora avante proscritos das nossas escolas, teatros e museus.

Assim é que o sr. Saint-Saens se elevava muito recentemente contra a admiração e a voga de que Wagner é objecto em França. Admiração imerecida, diz'elle, porque das suas obras, de Parsifal especialmente, desprende-se um incomensurável enfiado, e o sr. Saint-Saens,—eu que o diga,—é entendido em entado.

E' preciso, pois, banir Wagner dos nossos teatros e concertos. Em que é que, não de objectar, se pode tornar Wagner, falecido em 1883, solidário com os crimes cometidos hoje pelos soldados do Kaiser? Pois nós temos lá que fazer caso de semelhantes bagatelas? Wagner é alemão, e basta!

E não seja elle o único ferido de ostracismo! Todos: Schumann, Brahms, Schubert, Weber, Liszt,

etc., para a fogueira, todos esses prussianos!

E Ludwig van Beethoven? Ah! cuida elle que nos engana com a sua partícula holandesa e o seu nariz postiço de neutro? Nado em Bonn de pai holandês, é certo, mas de mãe alemã, é um tudesco perfeito e, para mais mestiço tudesco!

E o austro-húngaro Mozart? Nada de misericórdia—não é verdade?—para esse subteutão!

Risqueiros também os literatos Goethe e Schiller, e, remontando sempre, risquentes mesmo Haydn, J. S. Bach e Martin Lutero, e Hans Sachs, e Wolfram d' Eschenbach, todos alemães e pais da «Kultur».

Feita a limpeza resuscitemos então a nossa boa velha música francesa: Auber, Baifeldien, Halévy, La Muette, La Dame Blanche, La Juive, Charles VI (oh! Charles VII a guerra santa ao invasor!). Reabilitemos Loisa Puget e Clapisson! Desenterremos esse delicioso repertório latino, infelizmente tam esquecido desde que foram prohibidos na rua os realejos!

Tampouco nos esqueceremos de vós, caro Mestre, com o vosso Henrique VIII e Estêvão Marcel, pelos quais nunca roçou o enfado!

E o nosso espírito não tornará a aceitar senão produtos francezes, essencialmente francezes.

Como o nosso corpo, aliás. Mas, por esse lado, já começou a obra civilizadora. Citarei para prova um pormenor cheio de importância e significação: Um dos meus vizinhos, que faz ás vezes uso de caldo concentrado e solidificado em cubos, mostrou-me ontem, todo contente, um novo produto de fabricação franceza, garridamente embrulhado em papel tricolor, substituindo daqui para o futuro um produto precedentemente alemão.

Ao examinar aquelle leubozinho alimentar, jorrou no meu espirito uma revelação, e compreendi súbitamente as causas profundas das guerras e a mola íntima dos progressos da civilização.

Paris, novembro de 1914

ANDRÉ GIRARD

A propósito duma entrevista

O camarada Sebastião Eugénio foi entrevistado pela República sobre a conflagração europeia. Conhecemos Sebastião Eugénio e, embora nos pese discordar dele, sobretudo neste momento, sabemos que não nos levará a mal algumas observações acêrca da sua opinião, que preferiríamos ter visto expressa na nossa pequena imprensa. O ponto capital da entrevista é o seguinte:

—Posta a questão nestes termos, eu acho que, neste momento, se deve abrir um parêntesis e, pondo a liberdade humana mais alta do que tudo, nós todos, os que a amamos e que sem ela somos esmagados, concorrer para a derrota das hostes do Kaiser. De resto é assim que pensam as grandes figuras do movimento operário de todas as nacionalidades. Veja por exemplo Krapótkine que ainda há dias o dizia numa carta a um amigo. E o velho agitador já há vinte anos pensava assim, sustentando que no caso de uma invasão alemã seria capaz de pegar numa arma.

«Eu, digo-lho com convicção, antimilitarista que sou, confesso que, se pudesse, concorreria para a vitória dos aliados, com o que não renegava as minhas ideias.»

«Ainda há poucos dias, na última expedição para Africa, partiu como voluntário, um amigo meu que segue em politica os mesmos principios que eu sigo.»

«Quero portanto sinceramente a vitória dos aliados, que é a vitória da liberdade, o esmagamento da reacção militar, capitalista e jesuitica.»

Nós, da nossa parte, achamos que a nossa tarefa deve continuar a ser a mesma. Não tendo podido evitar a catástrofe (como, aliás, pudemos anteriormente evitar outros desastres e derrotas menores), devemos como sempre prosseguir na nossa acção própria, trabalhar, por exemplo, como diz S. Eugénio noutro ponto da sua declaração, para a «organização operária longe de afrouxar, adquirir novas energias, ter uma boa orientação», revolucionária e aproveitar os ensejos que porventura se apresentem.

Quanto ás «grandes figuras», não nos fica lá muito bem o emprêgo desse argumento de autoridade, de valor muito relativo. Em todo caso, o nosso amigo está mal informado; várias «grandes figuras», numerosos militantes conhecidos e estimados e mesmo a maioria dos anarquistas de todos os países não querem sair do seu papel específico de inimigos do Estado e do Capitalismo, exploradores, opressores e burladores das massas e fautores de chacinas internacionais. Citemos apenas um nome—o de Malatesta, cujo silêncio fôra mal interpretado, o que o levou a escrever há dias a Luis Molinari (outro) uma carta a que pertencem estas passagens:

«Eu poderia ter-me simplesmente calado, porque me basta dizer-se uma pessoa anarquista para implicitamente afirmar a sua aversão pela guerra e por qualquer colaboração com os governos e burguesias, que, por escuros interesses e arcaicos atavismos, provocaram a cruel catástrofe em que está mergulhada a Europa.»

Se receberes esta carta, obsequiar-me has aproveitando o primeiro ensejo para declarar que o meu silencio é devido a circunstâncias pessoais e de modo nenhum a hesitações na condenação mais absoluta da guerra e duma participação qualquer dos que se dizem anarquistas. Logo que poder, desenvolverei as minhas ideias a tal respeito.»

Na própria França, há um grande número de dissidentes, sindicalistas e anarquistas; e os mesmos que adoptaram uma attitude, que com maior comodidade se discutirá no fim da guerra, começaram já a fazer contra-vapor, reconhecendo certos erros e exageros e combatendo, apesar das dificuldades do momento, a reacção patrioteira e clerical triunfante. Para prova os artigos de Alberto e Girard, que noutro lugar publicamos.

Agora, lá o ir para a Africa, para as colónias, combater o imperialismo... é que nos parece um pouco forte demais! Krapótkine pede apenas que se expulsa o invasor do solo belga e francês, e não nos consta que a Bélgica e a França sejam na Africa do Sul.

Ofinal do trecho acima transcrito revela a alma do nosso bom Sebastião Eugénio e explica a sua maneira de ver. O que é sómente um mal menor—muito relativo na sua inferioridade, sobretudo se os revolucionários sociais abandonarem o seu ponto de vista e derem armas e argumentos ao inimigo de sempre, como C. Albert vai confessando,—é considerado a vitória da liberdade, o esmagamento, nada menos, da reacção militar, capitalista e jesuitica!

E' aqelle mesmo excessivo optimismo do generoso espirito de Krapótkine, aqelle optimismo que tantas vezes o traiu nas suas profecias, na sua demasiada confiança na iniciativa e espontaneidade das massas, na sua velha concepção harmonista do comunismo—o comunismo assim a sair do solo como os cogumelos depois da chuva...

Um optimismo desses passa os limites que devemos fixar para que não desanimemos, mas não andemos tampouco a confiar a torto e a direito em forças... estranhas e a sair por isso do nosso caminho próprio. N. V.

Patriotas de gaifonas

Nunca, como nos tempos que vão correndo, se ouviu falar tanto de pátria e de liberdade, de guerra á tirania e á opressão, de esmagamento de A'tilas e de bárbaros, de Hunos e de selvagens, de malvados e bandoleiros. Nunca, como nos tempos que vão correndo, se gastou tanta tinta e se inutilizou tanto papel para incensar os gloriosos feitos d'armas dos Nun'Alvares, dos infante D Henrique, dos Vasco da Gama, em suma, dos guerreiros luzitanos, cuja intrepidez atravez dos montes e vales, dos rios e mares «nunca dantes navegados», yelas ao vento, lanças em riste, espadas desembainhadas, armas e canhões fumegantes, deixaram vinculado indelevelmente o nome sagrado da pátria.

Abre-se uma gazeta, folheia-se uma revista, um magazine e desde o clássico artigo de fundo até ás noticias palpitantes da última hora, depára-se nos sempre o mesmo parafraseado aguerrido, a mesma argumentação belicosa, os mesmos termos a tresandar heroismos passados, prenúncio seguro e certo de heroismos mais altos e futuros.

Assim, os José de Castro, os Jaime Cortezão, os Fernandes Alves, os Carvalho Maia, os Raul Proença, os A. Amado, os Fernandes da Silva, enfim, todo o bicho carêta que consegue juntar meia duzia de palavras arrancadas ao seu bestunio inflamado, para se mostrar, para se erguerem, elevarem acima da ralé e da escória, para se tornarem reparados, ímpam, na imprensa e na tribuna duma fraseologia guerreira e sentimental afim de justificarem a intervenção de Portugal na actual conflagração europeia, e impingem tamanha dose de erudição e de conhecimentos práticos que, se fosse possível a um mortal reuni-los, encheria com eles muitos milhares de penicos...

Os factos mais comeseinhos da «nossa» História são aproveitados, espremidos, analisados, a toda a hora e a todo o instante, para se incutir no ânimo do povo que, logicamente, deve abandonar as palavras pronunciadas e os exemplos expostos por essa raça degenerada, expúria que tem horror ás lágrimas sentidas duma mãe ao ver partir o seu filho querido para o matadouro, á miséria proveniente do saque e do incêndio, á desgraça ocasionada pela chicana e pela ambição dos poderosos, para só atentar nos juízos metódicos e sinceros dos representantes da «nova civilização»... a ferro e fogo.

E tamanha tem sido a celeuma, tam grande tem sido a discussão, que a guerra foi dada para ordem do dia e da noite. Discute-se a guerra ao almoço, ao jantar e á ceia; discute-se na officina, na rua, no teatro, no cinematógrafo, no tascó, no barbeiro, na tabacaria, no club, no centro e no próprio alcoice. Tudo diz da sua justiça. Tudo emite a sua opinião.

Tudo apresenta alvitres. Tudo defende o seu modo de ver. E com tal calo, com tal entusiasmo que quase se poderia apodar isto de país de sábios se não fôra já bem conhecido d'antemão que não passa duma aluvião de seixos...

Mas que querem? Os jornalistas, que deviam ter a missão nobilissima de orientar o cérebro das massas segundo os altíssimos principios da verdade emancipadora dos dogmas, dos erros e dos preconceitos, fizeram-se matias, e rijos e tesos, defende a á outrance a guerra com todas as forças da sua alma e com todo o ardor da

sua juventude... velha como a sé de Braga. E a massa patriótica vai na corrente. Grama aquilo como se fossem torradinhas servidas á borla em manhã de S. João. Esquece tudo, para se lançar-se abertamente... a duzentas ou trezentas léguas de distancia, já se vê, nos braços hercúleos de Marte.

Depois, as mais das vezes, arma-se de grosso bengalão e lá vai feita ferrabraz por essas ruas fóra á cata do inimigo. Ai dele se lhe caí nas unhas; com a vontadinha que lhe traz... enche-lhe a barratiga, calca-o, morda-o, estrangula-o á certa. Como vai quente do cérebro e da barriga, e como tem a certeza que a guerra é lá muito ao longe, sente-se invencível. Tantos milheiros de mortos, tantos milheiros de feridos, tantos milheiros de prisioneiros, e está a coisa acabada. O X do problema acha-o com a mesma facilidade com que o rapazito encontra uma ponta de cigarro no meio da rua.

O diabo, porém, não é isso. O pobre do Zé, lorpa, apedenta, cégo não lobrigou ainda que os tais ferrabrazes de sobreiro e naifa, se deixam ficar muito comodamente em casa. Querem a guerra, sim, encarecem a imperiosa necessidade de participarmos nela, mas põem como condição indispensavel que as balas, as bombas, as granadas, os obuses, os torpedos e as espadas, matem os outros. Vamos pra guerra, dizem... e marchai, acrescentam. E' muito linda esta teoria, pois não é?

Se estes maduros fossem sérios seriam os primeiros a alistarse como voluntários. Mas quê? A uma chamada que já houve responderam apenas umas dúzias de indivíduos, no meio das quais não appareceu nenhum desses patriotas aguerridos. O seu corpinho bem feito é delicado demais para repousar em riba dos penedos ou debaixo dos silvados, á chuva, ao vento, ao sol. Por isso calaram-se. E' que a guerra é a guerra; a morte, a desolação, a rapina, a violação, a fome, a peste, a miseria, a tirania...

E eles por sabermos isso, escrevem, falam, arengam, mas escandem as costelas. E todos se escamam quando lhes chamamos patriotas de gaifonas. Pois se o nome lhes está mesmo a calhar...

ALFREDO GUERRA.

Antes assim!

E' com imenso júbilo que registamos a seguinte declaração de quatro dos mais illustres socialdemocratas alemães:

«Os nossos camaradas Sudekum e Ricardo Fischer decidiram expor na imprensa socialista dos países neutros (Suécia, Itália, Suíça) a attitude do partido socialista alemão na guerra actual.»

«Fizeram-no desenvolvendo o seu próprio ponto de vista. Vemo-nos, pois, constrangidos a declarar que os abaixo assinados, e certamente um bom número de outros socialistas alemães, teem sobre a presente guerra, suas causas, seu carácter e o papel do partido socialista nela, um ponto de vista que não é absolutamente o dos camaradas Sudekum e Fischer. O estado de sítio impede-nos nesta ocasião de expormos publicamente as nossas opiniões.»

KARL LIEBNECHT
ROSA LUXEMBURGO
FRANZ NEHRING
CLARA ZETKIN